SUMMARIO.

—

CONHECIMENTOS-UTEIS: Economia-politica (*Continuação*) — Banco-de-Lisboa (Estado da primeira quinzena do corrente mez) — Instrucção-publica (*Continuação*) — Estatistica do Hospital de San'José (anno de 1845) — Hospital de San'José — Couve-cavaleiro ou couve-arvore. PARTE-LITTERARIA: Viagens na minha terra (Capitulo XLVI) — As miserias da vida humana (*Conclusão*) — Fragmentos (Alcobaça e Batalha) — Tirsis, Idyllio de Gessner (Poesia: traducção do francez). VARIEDADES: Noticia historica da instituição das capellanias erectas na parochial egreja de San'Martinho d'Alpedrinha — Novo metronomo universal — Correio-Extrangeiro — Correio-Nacional.

CONHECIMENTOS UTEIS.

—

ECONOMIA-POLITICA. *

II.

869 — 21 Ainda que um pouco arida, a noção do valor é a primeira coisa que deve ser estudada: é a noção fundamental da economia politica. Depois do que ja sôbre ella fica ditto no antecedente número, convem saber como, na falta de uma medida absoluta do valor, este se poderá calcular o mais approximadamente possivel.

22 *Todos os valores eguaes são egualmente preciosos.* Por exemplo, uma peça-d'oiro de 7$500 réis tem valor egual á mesma somma de réis em prata ou cobre, ou a qualquer objecto que vendido produza a mesma quantia. De modo que certa quantia de dinheiro, não vale mais do que valerá uma porção de carvão, de trapo, ou d'ossos, capaz de produzir egual somma em réis.

23 Mas *o valor para ser riqueza é necessario que seja valor reconhecido por tal* por todos. Se eu estimar a minha casa, ou qualquer outro objecto em cinco contos, e ninguem me quizer dar por ella mais de trez; o valor real da minha casa será de trez contos e não de cinco.

24 As necessidades mudam com os costumes e habitos das nações; mudam tambem com a idade, os gostos e as paixões dos individuos. O bom juizo póde condemnal-as, e deve contel-as em justos limites; mas não ha remedio senão comprehendel-as todas, quaes quer que sejam, nas appreciações economicas, uma vez que os homens se mostrem dispostos a fazer sacrificios para as satisfazer. Aos olhos de um moralista, uma flor artificial, um annel, por exemplo, podem passar por objectos innuteis; mas aos olhos do economista não é assim: esses objectos teem valor porque a generalidade dos homens os estima a ponto de os comprar. As necessidades do gôsto e da vaidade, são ás vezes tam imperiosas como as da fome.

25 *A principal propriedade do valor é ser essencialmente variavel.* Como a origem do valor é a utilidade, e a utilidade diriva de nossas necessidades e meios de as satisfazer, o que tudo varía infinitamente, segue-se que o valor deve ser infinitamente variavel tambem. O valor é sim, uma quantidade, fixa, assentada, mas so em certa occasião, porque é da sua natureza estar sempre a variar segundo as occasiões e logares.

26 Esta variabilidade do valor complica muito as questões de economia-politica; torna muitas vezes os phenomenos difficeis de observar, assim como os problemas difficeis de resolver.

27 Ora, como as quantidades se não podem medir senão por outra quantidade arbitrariamente tomada para termo de comparação, segue-se que os valores senão podem medir senão por um valor egualmente variavel tambem na sua essencia; e por consequencia não ha nenhuma bitola, medida ou metro do valor; nem se póde calcular a grandeza absoluta do valor das coisas; mas tam somente a sua grandeza relativa e comparativa. Quando affirmâmos que uma quinta vale vinte contos, apenas dizemos que o valor d'esta quinta é egual a uma somma de vinte contos, ou a outros tantos quantos objectos se precisem e possam comprar com ésta quantia na occasião em que fallâmos.

28 Visto que toda a riqueza é variavel e relativa segundo os logares e os tempos, é claro que não se podem comparar duas porções de riqueza senão quando ellas são do mesmo tempo e do mesmo logar. Uma acção do banco-de-Lisboa não se póde comparar este anno com a mesma somma de réis com que era comparada o anno passado; mas o dinheiro mesmo vale n'uma occasião mais do que em outra: e um córte de seda em Lisboa não se póde comparar com a mesma quantia de dinheiro que em Paris. As circumstancias de tempo e localidade fazem variar os valores. O clima, habitos, direitos de alfandega etc. influem sôbre os valores das coisas. Ha por conseguinte toda a impossibilidade de comparar exactamente as riquezas de duas nações, porque ainda que existam ao mesmo tempo não existem no mesmo logar; ou as de duas epochas, porque ainda que se refiram ao mesmo logar não existiram no mesmo tempo.

29 Muitos economistas teem trabalhado por achar a lei geral que regula a variação do valor de troco. Abaixo se explicarão os dois theoremas em que elles teem assentado, depois de havermos estudado a natureza do preço-corrente, isto é: do custo das coisas em dinheiro.

30 Do que até aqui se tem ditto sôbre a natureza íntima do valor, resulta: que achar uma bitola para o valor, a não ser impossivel é muito difficil; por consequencia devemos assentar que: o dinheiro não é, nem ha, medida certa e immutavel do valor.

31 Mas, ainda que o dinheiro não possa servir de bitola ao valor, comtudo as propriedades de que são dotados os metaes preciosos, fazem com que, nas transacções, as mais das vezes, se converta o valor dos productos mais ou menos approximativamente no das moedas de oiro ou prata, ou tambem nas de cobre ou papel que representam aquellas. A este valor das coisas em dinheiro chama-se *preço-corrente.*

32 Na prática o preço-corrente oscilla sempre até ao ponto em que o comprador se convenciona com o vendedor; porque um pede mais e o outro offerece menos do que aquillo porque afinal se ajustam.

33 Ja vimos que não basta so que uma coisa seja util para que tenha valor, e tambem que as coisas que estão á disposição de todos ninguem dá nada por ellas. Mas convem ponderar ao mesmo tempo, que se as coisas raras são em geral mais procuradas, é porque satisfazem certas necessidades, alias ninguem quereria aquillo que não prestasse para nada, por

* Continuado de pag. 243.

mais raro que fosse. Uma vez pois que o valor de troco provém da propriedade das coisas, para satisfazerem os nossos desejos e necessidades, e da sua desproporção com essas necessidades e desejos, e que este valor é por sua natureza variavel; indiquemos as leis d'estas variações. Teem-se imaginado duas, e proveem da abundancia ou escassez do que se necessita, e do custo da producção.

35 O preço das coisas é pois regulado pelo consummo d'ellas. De modo que assim como uma coisa e mais cara quando escasseia, e mais barata quando abunda, assim é tambem quando é mais ou menos procurada

37 Resta explicar isto a que chamámos abundancia do mercado — ou a *offerta*, e o — *pedido*, ou procura das coisas. A offerta não consiste so no que se põe á venda; mas tambem no que a producção póde facilmente fornecer ao mercado. Ha, por exemplo, mil moios de trigo no Terreiro; mas a colheita póde produzir vinte mil, a offerta será pois de vinte e um mil moios. Assim tambem, o pedido não é tudo quanto se deseja; mas sim tudo quanto razoavelmente pode ser desejado e comprado. Por exemplo, eu peço um magnifico trem de loiça de Saxonia que vale alguns mil cruzados: se eu tenho uma fortuna sufficiente para poder fazer ésta compra, o meu pedido é real; mas se não tenho, o meu pedido não póde figurar no mercado: foi sonho meu ou estive brincando.

38 A outra lei que regula os preços provém, como fica ditto, do custo da producção. Nenhum productor produz unicamente por gôsto; mas sim pelo interesse dos lucros, e ninguem compra sem os meios de comprar, ou além d'esses meios. D'aqui resulta que quando o preço de certos alimentos não cobrem a despeza da producção, a producção d'esses generos diminue ou cessa completamente.

39 Ésta segunda lei porém tem o inconveniente de não podêr ser applicada ás riquezas naturaes appropriadas, que teem valor de troco sem se haver dispendido nada com a producção. Além d'isso suppõe uma liberdade indefinida de merca nos consummidores, e uma liberdade indefinida de concurrencia nos productores. Mas o trigo, por exemplo, seja qual for o seu preço, será sempre e forçosamente comprado; e o mesmo succede com muitos outros productos cujo uso nos é imposto por nossos habitos. Pelo que respeita aos productores, a concurrencia póde ser indefinida nos trabalhos manufactureiros e commerciaes; mas a producção agricula está fundada na propriedade, que tem sido até hoje um monopolio necessario. Não ha concurrencia possivel para os alimentos além de certos limites. Os vinhos, por exemplo, estão concentrados em certos pontos muito circumscriptos; a sua producção é limitada. São monopolios naturaes; como o são tambem as producções do talento.

40 Mas os monopolios artificiaes são ainda mais e mais variados. Os privilegios d'invenção, os privilegios d'auctor, as leis prohibitivas da introducção de certos productos, e as *protectoras* d'outros etc. são outros tantos monopolios que influem nos preços, e não estão comprehendidos n'esta grande lei.

41 Éstas theorias são ainda muito vagas. A expressão clara e concisa do preço-corrente é ainda um problema sem resolução.

42 Ora, não se deve esquecer que no meio dos erros e das leis que dominam a sociedade, muitas vezes succede que o preço recebe outras influencias que não são as mesmas que resultam do custo da producção e necessidades do consummo. N'este caso, a causa accidental não governa senão em quanto dura, por que a lei geral recobra pouco a pouco o seu imperio, assim que não é contrariada.

43 Ás vezes a auctoridade publica taxa o preço de certos alimentos. Quando isto acontece o consummidor paga o producto por um preço abusivo; ja não é *permutação* é uma transferencia em proveito do vendedor ou do comprador. Similhantes leis são prejudiciaes á producção, porque ninguem quer trabalhar com perda; e são prejudiciaes ao consummo porque se não encontram productos á venda, quer seja porque se não continuem estes a fabricar, quer seja por que escondem os que existem. Os que teem muitos meios previnem-se, os que os não teem não se podem previnir. D'aqui veem as carestias, os pannicos e as desgraças que d'ahi se seguem.

44 Outras causas fortuitas, physicas e moraes, podem influir sôbre a offerta e o pedido. D'este numero são: o receio de uma boa ou ma colheita, a moda etc. Mas a acção d'estas causas é so no tempo d'ellas, e a sua influencia será facil de prever quando se tenham ideas exactas sôbre as causas permanentes que estabelecem a offerta e o pedido. Em summa os preços são relativos segundo os termos prefixos pela natureza e não pelo caprixo do homem.

45 Ha preço-corrente e preço *originario*, *real*, ou *natural*. O preço originario é a somma do que custa a producção a primeira vez que o producto apparece no mundo. Este preço originario é uma escalla movel; varía a cada instante, todas as vezes que ao producto se dá nova fórma, seja agricula, manufactureira ou commercial. No emtanto ha occasiões em que se póde considerar fixo.

46 O custo da producção póde abaixar sem que o productor seja lesado; por consequencia a baixa do preço originario não lhe é prejudicial; e, ao contrário, ésta baixa é de grande vantagem para a sociedade, principalmente se é em todos os productos ao mesmo tempo; porque então equivale a um augmento de riquezas.

47 Ora, se a riqueza geral é a reunião do valor de todas as coisas, como é que uma nação é tanto mais ricca quanto as coisas ahi são mais baratas? É porque como a nossa fortuna consiste n'uma certa quantidade de fundos productivos, ella será tanto mais consideravel quanto mais productos poderem obter os fundos productivos; o que succede quando estes ultimos estão muito baratos. *(Continúa.)*

BANCO-DE-LISBOA.

870 Da conta publicada por este estabelecimento relativa á primeira quinzena do corrente mez d'outubro, resulta o seguinte:

Notas actualmente em circulação...	3.092:889$600
Dittas capitalizadas n'esta quinzena.	28:920$000
Dittas pagas, idem.....	9:691$200
Foram tiradas da circulação, idem.	38:611$200

Diminuiram os depos to, idem.....	109$388
Pagou-se de dividendos, idem.....	540$000
Diminuiu a sua responsabilidade, idem.....	10:340$588
O governo é devedor ao Banco da quantia de.....	4,924:130$578
O Banco tem imprestado sobre as suas mesmas acções, a quantia de.....	611:876$500
Ditto sobre penhores d'oiro, prata, brilhantes, fundos do governo e acções de companhias.....	823;311$550
Lettras da Companhia Confiança-nacional.....	973:000$000
Dittas do contracto do Tabaco findo, extrangeiras e nacionaes.....	889:816$135
Supprimentos á Caixa-filial do Porto, Casa-da-moeda, e em Londres...	465:698$327
Valores em ser: oiro em moeda e cerceado, prata, cobre, moeda-papel, inscripções, acções das Lezirias e outros valores.....	1,231:358$689
Total do credito do Banco.....	9,919:191$779

N'algumas d'estas quantias ha uma parte em papel.

O excedente do credito em 2 do corrente, era de.....	5,300:123$028
Ficou sendo em 16, tambem do corrente, de.....	5.288:237$942

INSTRUCÇÃO PUBLICA. *

871 Mostrada a deploravel pobreza dos nossos campos, por falta de ensino e de providencias adequadas, a prespectiva que offerecem as artes não é mais risonha. As mathematicas que hoje são indispensaveis para os officios, ensinando-se ellas nua e cruamente como se pratica entre nós, sem que esses poucos estudantes que as frequentam, fiquem conhecendo mais que formulas, destituidos na acquisição d'ellas, de convicções para depois as tornarem em um instrumento, nenhum auxilio vem a facilitar aos nossos artistas. Dirão que eu critico mais do que pinto. Os factos que fallem. Resumindo, da estatistica ja mencionada de Coimbra, todas as fabricas que ha n'aquelle districto, a sua somma são 20 alambiques velhos e 15 novos de agua-ardente, 12 de cortumes, 13 de louça ordinaria, 2 typographias, 2 lithographias, e 2 fabricas de papel. Ainda que todo o vinho do districto de Coimbra, que anda por um milhão de almudes, se distillasse, tocaria a cada uma das suas caldeiras 9 almudes de agua-ardente por dia. Mas isto não é possivel, porque elle se bebe, porque os apparelhos velhos são incapazes de continuo trabalho, e porque o maior numero de homens que em qualquer d'estas fabricas se occupa, não passa de 7 e mais 2 juntas de bois, havendo-as so de 2 homens. As fabricas de cortumes são tambem *todas de rotina antiga*. As de louça o mesmo. Papel idem.

Contando do modo que é possivel o numero de braços que se occupam em todas éstas fabricas, elles chegaram a 433 diariamente entre homens, mulheres e rapazes. Pondo de parte a Russia, sobre cujo vasto imperio não se podem estabelecer calculos d'estes, a Austria que é das nações fabris a minima, dá 9 em 100 da sua população para a fabricação. Por ésta quota o districto de Coimbra devia dar 22,276, elle dá 433, segue-se que dá $\frac{1}{51}$ avos do que deveria dar. Se o calculo fosse feito com a Prussia dava $\frac{1}{102}$, com a França $\frac{1}{204}$, e com a Inglaterra $\frac{1}{255}$. Em nenhuma d'estas comparações entram as forças mecanicas, nem as quantidades produzidas, porque então difficil seria dar denominador á disparidade que ellas offereceriam contra Portugal.

Espero de ter mostrado que eu não abusei d'expressão nos meus reproches á nossa pequena industria, e generalisando agora o argumento para os objectos de primeira necessidade, todos os problemas, por ex. sobre a tracção estão por resolver entre nós. A composição das maquinas para ella, a sua economia, a appropriação, a comparação das suas forças, está ainda tudo entregue á discrição dos nossos carreiros. Não temos um carro de 4 rodas: atrelamos 1, 2 e 3 juntas de bois ao mesmo vehiculo de rodas singulares de um unico e singelo movimento, para mover um peso sobre um e o mesmo carro, seja o peso do dobro ou do quadruplo da carga usual e commum. Em quanto não houver comtudo uma reforma n'este particular, não póde haver estradas, porque ellas não podem resistir á rotação das nossas rodas carregadas por 10, ou por 20, ou por 100 arrobas; em logar de se distribuir a insistencia d'este peso sobre diversidade de pontos. Os animaes obrigados a manterem o equilibrio da carga, independente do seu progresso, devem igualmente gastar-se muito n'esta duplicação de esforços. Como não variâmos e não nos accommodâmos senão a rotinas, sem que uma vez o raciocinio seja empregado para as alterar, outras vezes, pelo contrario, pomos então em movimemto 40 arrobas (um carro de Lisboa) para conduzir 6 arrobas (uma pipa vazia).

Desprovidos de licção na mocidade, todos fazem um *pés-aller*, um não *chega* das profissões, a que na vida se applicam mais tarde; ninguem as estuda pelo que ellas valem, ou podem vir a valer. Ha pouco (isto foi escripto em 1843) viu toda ésta cidade 36 homens a pau e corda andarem a levar umas 4 columnas de pedra desde o Terreiro do Paço até ao novo theatro de D. Maria II, e isto por não haver uma carreta, em que ellas se transportassem. E não foi maior numero de mariolas com cada uma d'ellas, por não caberem ao longo do volume que conduziam, não obstante o perigo, por serem ainda poucos, de alguns dos que iam, arrebentarem uma arteria, pelo grande peso que os ajoujava.

Um caso como este não me parece crivel se apresente em paiz algum, onde a sciencia não seja so um luxo, e a estupidez uma aristocracia. Se a conducção por ésta fórma admira, que se dirá tambem de um arsenal real de marinha, que além do mais de que carece, não tem um ingenho de serrar madeira, e onde quantas taboas se empregam na factura dos

* Continuado de pag. 222

navios, que alli se construem, desde a arvore em pé na matta até ao ultimo friso, que n'elle se prega, é tudo feito a braços de homem, sem que mais outra nenhuma potencia, por insignificante que seja, intervenha na operação. Não ha mesmo um carro, em que se transporte um madeiro de uma parte para a outra, dentro d'aquelle edificio. Vai tudo a pau e corda.

Falla-se em reformas. A reforma das nossas despezas não está, em tirar uma migalha de pão de rala da bocca do triste servente, que tem precisão d'ella para mal viver, a reforma de que nós precisamos, é a intellectual. Sem esta a nossa riqueza fará as mais das vezes a nossa pobreza. Ja tenho fallado no pinhal real de Leiria: vale o trabalho de se fallar n'elle, porque são 12 milhões de cruzados o valor d'esta peça. Em qualquer outra nação, na Suecia, na America, em todo o Baltico, este pinhal seria um viveiro pelo menos de embarcações costeiras, e bastaria elle para povoar a costa de mar, por onde se prolonga: para nós porém de que serve elle? para trazer tres ou cinco hiates do arsenal na carreira, que ás vezes se demoram na conxa de San'Martinho um inverno inteiro a estragar amarras, (como eu mesmo ja presenciei) e a manter em quanto persistem n'aquella enseada uma equipagem de 16 e mais pessoas abordo. Era escusado apontar as consequencias d'este desarranjo, porque são obvias. Para vêr de compensar tanta demora, e nem assim ficam recuperados os gastos da viagem, arbitram então um frete á madeira que conduzem as embarcações muito superior ao valor d'ella Ha viga que não dão por ella em Lisboa 1$440 réis, e á qual se estimam no emtanto 2$000 réis pela conducção. Isto são factos que não admittem controversia. E menos ainda se póde disputar, que no mesmo espaço de tempo, e com a metade da tripulação de qualquer dos hiates que anda na carreira de San'Martinho, vae e vem um sueco, um americano, um inglez, um francez de mais de duas vezes a lotação do barco portuguez, ao Brasil.

Deixando os fretes maritimos — que se dirá tambem á conducção terrestre do gado bovino para a capital? Largam as rezes d'essa Beira-Alta e do Minho por ahi abaixo, passando na ponte de Coimbra nos mezes d'agosto, settembro, outubro, novembro e dezembro ás vezes a 300 cabeças por dia, e vem discorrendo por essas charnecas sem abrigo nem penso com 12, 15 e 20 dias, até que chegam a Lisboa; perdendo toda a nutrição que adquiriram, de maneira que tem de passar por segunda criação, depois de ca chegarem. Os homens que as trouxeram, voltam depois outra vez tambem a pé para as suas terras, fazendo uma viagem perdida a marchas de 8 leguas por dia. N'este barbaro proceder, quantos capitaes e tempo perdidos! Se hoje fossem com um methodo d'estes á Inglaterra, á França, á Belgica, ou á Allemanha... Entre nós comtudo ninguem tem a consciencia da barbaridade d'esta economia, e como hade ter, se uma carta para ir e vir gasta 19 dias a Bragança, que dista umas 77 leguas de Lisboa! não dará esta promptidão uma amostra boa da unidade da administração do paiz? A mesma distancia faz-se hoje em Inglaterra em menos de 12 horas, ou a $\frac{1}{38}$ parte do tempo que leva em Portugal, ou uma hora por cada trinta e oito.

Tudo isto é triste — muito, mas assim deve ser, porque se as questões que mais alvoroçam o mundo civilizado, nenhuma impressão nos fazem; como hãode as de entidade secundaria achar discipulos nem mestres, que se occupem d'ellas!

Deploravelmente, em logar de me saudarem, por eu ter tentado abrir via a uma derrota nova á nossa civilização, têem investido commigo; ao que, eu não direi mais senão, que não ha calamidade, que iguale o cynismo em politica. Elle caleja os remorsos para toda casta de crime: infesta a atmosphera social, confundindo primeiro todas as crenças, relaxando depois todos os deveres, e acabando afinal por fazer o elogio da devassidão. A ésta inclinação que temos tomado, supponho eu, se deve a impassibilidade com que de 2,479 expostos, que entraram para a roda em Coimbra entre 1836 e meiados de 1840, se deixaram morrer todos, menos 60; sendo reclamados 27. Eu ja disse, que quando a anarchia chega a pegar em armas na praça, ja ella está incarnada em toda a administração: e que maior prova se quer d'isso, do que toda esta carnificina sem compunção? Quem leva ao mattadouro os seus similhantes por attacado d'esta sorte, e quem com igual longanimidade lá os deixa morrer depois, tem a sua *educação* ja feita, está apto para tudo. É preciso pois cuidar na morigeração d'esta nação disveladamente, e não presumir nunca que ésta tarefa está acabada, muito principalmente não a tendo nós ainda começado. Por eu dizer isto, supponho eu, não mereço arguições, as quaes não denotam, em quem as faz a devida avaliação da nossa situação. *

(Continúa.) *C. A. da Costa.*

ESTATISTICA DO HOSPITAL DE SAN'JOSÉ.

872 No anno de 1845 para 1846 entraram n'este hospital doentes de febres — 2,096 — sendo 676 continuas, e 1,420 intermittentes. — Curaram-se das 1.as 507, falleceram 169; e das 2.as curaram-se 1,400, falleceram 20. — Entraram apopleticos 112, so um escapou da morte: — e entraram 177 phthisicos, dos quaes não escapou nenhum. Da analyse comparativa d'estas cifras resulta: que a mortalidade das febres continuas está na razão de 1 : 4; — que a das intermittentes na de 1 : 71; — que a das 1.as está para a das 2.a :: 18 : 1: — e que as 1.as estam para as 2.as :: 1 : 2, 1; — É espantoso o número dos mortos na cifra total das febres continuas; — é necessario que a commissão do hospital de San'José attenda seriamente a este objecto gravissimo, e assim o esperamos do seu zelo e philantropia.

* * *

HOSPITAL DE SAN'JOSÉ. *

873 *Sr. Redactor.* — Todos os annos corre impresso um relatorio, ou *conta moral*, da administração do hospital de San'José, que é distribuida gratuitamente pela commissão administrativa do mesmo hospital. Tenho lido todas éstas contas, e a julgar por ellas e se por ellas do estado de progressivo melhoramento d'esta vastissima casa de caridade, nenhuma inveja

* Reffiro-me a uns estultos attaques, que me dirigiram da Universidade, em 1843

* Não obstante publicar-se no antecedente numero da REVISTA outra correspondencia relativa a este mesmo assumpto, não tive duvida em publicar tambem ésta por o objecto me parecer realmente importante.

Da Redacção.

deveriamos ter por certo aos melhores hospitaes da Europa. O caso porém é muito differente no que toca immediatamente aos doentes; vão la, não em uma simples visita, examinem, mas esgravatem bem, não se contentem so com ver a casca, e acharão, eu lh'o affiança, o avesso de taes contas.

Tem-se barateado elogios á commissão administrativa, e em parte bem merecidos são elles, porque talvez ninguem com menos capacidade e menos competencia fizesse mais do que estes Srs. teem feito. Nao sabem, é verdade, são uns perfeitos leigos, mas o peior é, que nem querem saber; e como querem fazer e mexer em muita coisa para o escrever nas contas annuaes, segue-se que muitas d'ellas, senão todas sahem asneiras, que é o que tem acontecido principalmente no que diz respeito á administração medica. Estas *contas moraes* são poeira lançada aos olhos de muita gente, e fôra até certo ponto desculpavel, se ellas se limitassem tam somente á parte *economica* do hospital, em que porventura os Srs. da commissão poderão fallar; mas d'ahi para diante é não so comprometter o credito do hospital, mas a reputação dos seus facultativos. O relatorio d'este anno, vem mais *correcto e augmentado* com a estatistica n.° 15 das doenças tractadas n'aquelle hospital, que nos *desappontou* completamente. Declaro que a não intendi; encontrei muitas molestias novas, de que nenhum pathologista me dá noticia, e outras figurando com nomes differentes; por ex. — artheritis — cancro no colom uterino — calculo vercical — dartos ferfuraceo — lunibago — laranjite — morbo caxario — ptyjalismo, — asthma e asma — pleuropneumonites e pleuropneumonias, etc. etc.

É impossivel que um similhante mappa fosse nem ao menos revisto por facultativo: e quando para fazer e organisar estatisticas d'esta ordem, — o unico e verdadeiro thermometro de um hospital, senão ouvem nem consultam os facultativos, claro está que para objecto nenhum de administração medica elles são consultados, e a dar ouvidos ao que por ahi se diz, accrescentariamos que parece que até se faz gala em desattender suas justas exigencias!

Se V. corou de vergonha quando leu aquelle aviso que a camara municipal mandou escrever nos angulos do Rocio — É porivido — etc. não deixará de dar logar na sua utillissima REVISTA a este *lembrete*, que á commissão administrativa do hospital de San'José, aliás muito respeitavel e conceituada, dá este seu

Lisboa 6 de outubro
de 1846.

Constante leitor.

COUVE CAVALLEIRO OU COUVE ARVORE.

847 São tão manifestas as vantagens que os nossos agricultores (seguindo o exemplo dos da Inglaterra, Belgica etc.) podem tirar da plantação desta couve, em razão das suas propriedades, que entendemos dever apresentar a seguinte noticia d'esta planta, e indicar a maneira de se fazer a sua cultura.

Esta especie de couve é biennal, eleva-se até á altura de nove palmos e mais em um so pé, que produz folhas grandes e unidas: as folhas inferiores de cada pé vão-se colhendo e aproveitando á proporção que se mostram sufficientemente desenvolvidas e formadas.

A sua cultura como forragem é de summa importancia, porque fornece um alimento verde e abundante, precioso em todas as estações, e particularmente no inverno, e do qual são avidos os diversos animaes, e entre elles as vaccas: daqui proveio dar-se a ésta especie o nome de couve cavalleiro, ou de *grande couve para vaccas*, na Belgica aonde primeiro se conheceu e aperfeiçoou, e a seu exemplo passou a occupar um logar distincto na grande, mediana, e pequena cultura de outros paizes agricolas, e principalmente da Inglaterra.

Entre nós, e com especialidade nas provincias do norte, acha-se geralmente conhecida e uzada a cultura da chamada *couve gallega*, de que tira grande vantagem a economia domestica e campestre: é tambem biennal, colhem-se igualmente de cada pé as folhas inferiores que se vão formando, e no fim de dois annos a planta morre, coroada de flores e sementes.

A couve cavalleiro belga é a especie gigante da familia gallega: em tudo similhante na sua indole e cultura, guardadas as modificações apropriadas.

A sementeira da couve cavalleiro deve fazer-se em cada provincia e local, da mesma fórma e na mesma estação do anno, em que praticam a da couve gallega; devendo porém ser menos basta do que a da gallega, para se obter planta mais vigorosa e enraizada da couve cavalleiro, como lhe convém.

São preferiveis as sementeiras do outono pela vantagem de melhor pegar e desenvolver depois a planta no inverno, e principiar a fornecer folhas no verão seguinte: as sementeiras da primavera laboram na contingencia de vir a falhar a planta, obtida d'ellas, sobrevindo-lhe seccura ou sol ardente; aonde porém houver agua para regar e salvar a planta, ésta fornecerá folhas abundantes no inverno seguinte.

Na plantação da couve gallega, a pratica usual consiste em preparar o terreno com uma cava rasgada e funda, levantar a terra cavada em montinhos pyramidaes, e deixa-se assim por alguns dias: e chegado o dia da plantação — desfazer os monticulos de terra — nivelar a superficie do terreno — abrir, em distancias proporcionadas, covas nas quaes se dispõe a planta em terra misturada com estrume — e terminar com uma rega á planta.

Tudo o que se pratica na plantação da couve gallega é applicavel á da couve cavalleiro, augmentando todavia as dimensões na proporção do seu maior tamanho, e correspondentes condições do seu desinvolvimento, existencia, e fecundidade nos dous annos que ha de durar.

N'estes termos, o terreno destinado para a plantação deve preparar-se com uma cova rasgada até tres palmos e meio de profundidade e quatro de largura, para cada fileira de pés de couve; a terra cavada, e bem atorroada, será levantada em monticulos pyramidaes, e deixar-se assim ficar para receber as influencias da atmosphera por seis ou oito dias, esperando o dia destinado para fazer a plantação, e para a qual se tire da sementeira planta san, vigorosa, e com todas as suas folhas e raizes.

Chegado o dia da plantação, procede-se a desfazer os monticulos de terra, e a nivelar a superficie do terreno destinado para cada fileira de pés de couve; e no meio d'este terreno se abrem covas de distancia de cinco a cinco palmos, em cada uma das quaes se

dispõe em fileiras um pé de couve: nas covas lança-se uma porção rasoavel de estrume bem cortido, mistura-se com a terra, e no centro da cova, assim preparada, se mette a planta guardando todas as suas folhas e raizes, e se conchega a terra sobre as raizes e em roda do pé, de maneira que permaneça convenientemente enterrada, direita, e segura: a superficie da cova ficará em fórma de caldeira, destinada para se dar logo á planta uma rega bastante para lhe unir a terra, e a ajudar a pegar; e desde que a planta tiver pegado, arraza-se a caldeira, e conchega-se a terra em roda do pé da mesma planta.

Com a plantação, assim feita, alcançam-se as copiosas forragens, que fornece por dois annos; e no fim d'elles ficam as sementes para as diversas especulações a que pódem servir; e tambem ficam os proprios troncos da couve morta para varios usos que tem na economia rural.

Toda a terra cultivada, ou roteada, em que não predomina arêa solta, admitte a plantação desta couve, apezar de que ella se dá e prospera melhor em terra franca, substancial, e tendendo para humida.

Nos paizes mais adiantados em industria agraria, a couve cavalleiro figura hoje quanto póde, assim na grande, como na mediana, ou pequena cultura; e prende com os correspondentes estabelecimentos de vaccas, de que tiram o multiplicado proveito de crias, de leite, de manteiga, de queijos, além do serviço que pódem prestar á lavoura, e dos estrumes que produzem.

O interesse nacional, e o dos proprios agricultores, recommenda que, a exemplo dos paizes estrangeiros, colhamos os proveitos que a couve cavalleiro nos poder produzir na grande, mediana, ou pequena cultura: adoptando desde logo a maxima de plantar uma fileira d'esta couve nas bordas e extremidades dos campos, e das terras empregadas em outra cultura; assim como nos lados interiores dos vallados, ou paredes das fazendas ruraes. — *Luiz Antonio Rebello da Silva.*

(*Diario-do-Governo.*)

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XLVI.

Carta de Carlos a Joanninha: continua.

875 Julia levantou finalmente para mim os seus olhos humidos, assombrados das mais longas e assedadas pestanas que ainda vi em olhos de mulher, e disse-me:

— 'Carlos, eu estou triste. Devia consolar-me; diga-me alguma coisa que me console. Falle-me.'

— 'Que heide eu dizer?..'

— 'É um cavalheiro, Carlos: diga-me que o é, e desassombre-me d'este terror em que estou.'

— 'Pois duvida, Julia?..'

— 'Não duvido. Queremos-lhe todos muito aqui — muito demais... receio. Como havemos de duvidar?'

— 'Oh Julia, perdoe-me!' exclamei eu lançando-me a seus pés, tomando-lhe as mãos ambas nas minhas, e beijando-lh'as mil vezes n'um paroxismo de verdadeira contricção. — 'Perdoe-me, Julia: bem sei que fiz mal, e prometto...'

— 'Não prometta nada, senão que hade ser cavalheiro. Isso sei eu, e sinto que o póde cumprir.'

— 'Juro por... por ella.'

— 'Ella!.. Ella ama-o, Carlos. É melhor dizer a verdade de uma vez, e incarar todas as consequencias de uma posição difficil, do que illudir-se a gente sem as evitar. Laura ama-o, mas não deve nem póde amal-o. Se fosse livre, não sei o que diria — não sei o que faria eu... Mas não se tratta de mim' — proseguiu com volubilidade febril — 'não se tratta de mim, Carlos, tratta-se d'ella. Laura não o póde amar, está compromettida. Hade partir em tres mezes para a India.'

'Para a India!'

— 'Sim: é verdade: velo-ha. O seu noivo é capitão ao serviço da companhia, e parte em casando.'

Eu sentia-me morrer o coração dentro do peito: foi a primeira dor verdadeira d'alma que soffri... Aquelle era o primeiro amor sincero da minha vida, e aquella foi tambem a primeira excruciante pena d'amor por que passei.

Eu que de taes penas zombára sempre, que as desterrava da realidade para os romances, eu!.. Ai! que poeta ou que novellista soube nunca pintar um padecer como eu experimentei n'aquella hora?

Não sei o que fiz nem o que disse; não me recordo senão que senti as lagrymas de Julia cahirem-me sobre a face e misturarem-se com as minhas que corriam em abundancia. Levantei os olhos para ella, e a expressão que vi nos seus... oh! como a heide eu esquecer nunca?

Quanto ha de piedade e compaixão no thesouro infinito de um coração feminino se derramava d'aquelles olhos celestes para me consolar. La não ficava senão uma tristeza profunda, desanimada e mortal...

Não sei que vago pensamento, que idea louca — ou antes, que presentimento indeterminado e confuso me atravessou pelo espirito — ou seria pelo coração? — n'aquelle momento.

Se Julia?..

Mas não póde ser.

'Julia, Julia' bradei eu 'quero vê-la: heide vê-la uma vez ao menos. Não me negue este último favor. Sei que devo, que preciso, que é forçoso fugir d'ella. Mas antes heide dizer-lhe...'

— 'O quê?..'

— 'Que a amo como nunca amei, como nunca mais heide amar...'

— 'Ai Carlos!'

'Que para sempre, sempre...'

Julia levantou-se sem dizer palavra, e lançando sôbre mim um olhar de ineffavel compaixão, sahiu rapidamente do quarto.

Achei-me so, não sei o que pensei nem se pensei. Sentia-me aturdido da cabeça, exhausto do coração — n'uma depressão d'espirito que tocava na estupidez. Se me apontassem uma pistola aos peitos, não levantava o braço para a arredar... Ja não sentia pena nem desejo. Pareciame que começava a morrer; e não achava que morrer custasse muito.

N'este estado fiquei não sei que tempo; muito não foi. Percebi que se abria a porta, não tive fôrça para levantar os olhos. Até que senti uma doce e querida mão na minha... era Julia... e era Laura tambem... sancto Deus! que estavam aope de mim ambas.

Julia tinha a minha mão na sua; e Laura incostada ao hombro da irman, deixava cahir sôbre mim aquelles olhos, em que a severidade habitual se tinha relaxado n'uma indulgencia tão doce, n'uma compaixão tam celeste que, juro por Deus, n'aquella hora acreditei firmemente que tinha deante de mim um anjo seu, baixado nas azas da piedade divina para me trazer todo o perdão, toda a misericordia do ceu á minha alma.

Como te direi eu, Joanna, querida Joanninha, como te direi a ti que me amas, ati que eu amo — porque te amo, e Deus me castigue que deve! porque te amo, cegamente te amo com este infame e abominavel coração que Elle me deu — como te heide eu dizer a ti, e para quê, as palavras que alli dissemos, os protestos que alli fiz, os juramentos que alli se deram, as promessas que alli foram trocadas?

Julia foi para a janella — indulgente figurou que nos não via e fingia não nos ouvir. O dia passou-se assim, um longo dia de junho que tam curto e rapido nos pareceu. Era noite quando fomos jantar.

Á mesa Laura appareceu em trajos de viagem; partia n'aquella noite para o paiz de Galles onde tinha uma amiga. Ao sahir da mesa, achámos á porta da casa a caleche posta, o cocheiro na almofada, e o criado á portinhola. Montámos, as tres irmans e eu.

Eram duas milhas d'alli á estalagem — inn — onde a malla-posta tocava. Fizemo-las sem proferir palavra nenhum dos quatro.

A areia que rangia com o attrito das rodas da carruagem nas lisas ruas do parque, os ramos descahidos das árvores porque roçavamos levemente ao passar, os veados mansos que se levantavam para nos ver — os phaesães que erguiam seu rasteiro voo de moita para moita ao sentir o estalido do chicote, com que o cocheiro mais moderava do que excitava os seus cavallos, tudo para mim eram impressões de nunca sentida e inexplicavel tristeza. Ficava-me a alma apoz tudo aquillo, sentia fugir-me a felicidade para sempre, e que era eu que a affugentava, e que me ia incontrar so, desamparado e proscripto no deserto da vida.

Não me sentia fôrça para blasphemar, mal dizer de Deus, senão tinha-o feito.

Tinha: e outras ancias mais angustiadas e mortaes me teem afflicto na vida; em nenhuma me senti tam capaz de renegar de Deus e descrer d'elle como n'esta.

Sería effeito de sua inexhaurivel piedade que talvez quiz acudir á minha alma antes que se perdesse, sería por certo — pois n'esse mesmo instante distinctivamente me appareceu deante dos olhos d'alma a unica imagem que pollia chamáldo abysmo: era a tua, Joanna! Era a minha Joanninha piquena, innocente, aquelle anginha de criança, tam viva, tam alegre, tam gracioso que eu tinha deixado a brincar no nosso valle a o nosso valle rustico, tam grosseiro e tam inculto! oh como as saudades d'elle me foram alcançar no meio d'aquellas allinhadas e perfeitas bellezas da cultura britannica. Os raios verdes de teus olhos, faiscantes como esmeraldas, atravessaram o espaço, e foram luzir no meio d'aquell'outros lumes que me cegavam. A esteva brava, o tojo aspero da nossa charneca mandavam-me exhalações de perfume agreste que matavam o suave cheiro do feno macio d'essas relvas sempre verdes que me rodeavam. As folhas crespas, sêccas, alvacentas das nossas oliveiras como que me luziam por entre a espessura cerrada da luxuriante vegetação do norte, promettendo-me paz ao coração, annunciando-me o fim de uma peleja em que m'o dilaceravam as paixões.

E tu, Joanna, tu, pobre innocente, e desvallida criancinha, tu apparecias-me no meio de tu-

do isto, extendendo para mim os teus bracinhos amantes como no dia que me despedíra de ti n'esse fatal, n'esse querido, n'esse doce e amargo valle das minhas lagrymas e dos meus risos, onde so me tinham de correr os poucos minutos de felicidade verdadeira da minha vida, onde as verdadeiras dores da minha alma tinham de m'a cortar e destruir para sempre...

Oh! de quê e como é feito o homem, para quê e porque vive elle? Que vim eu, que vimos nós todo fazer a este mundo?

Eu sentado alli nas almofadas de seda d'aquella esplendida e macia carruagem, rodeado de tres mulheres divinas que me queriam, cego, louco d'amores por uma d'ellas, no momento de lhe dizer adeus para sempre... eu tinha o pensamento fixo n'uma criança que ainda andava ao collo. — Revendo-me nos olhos pardos de Laura que eu adorava, eram os teus olhos verdes que eu tinha n'alma. Os sentidos todos embriagados d'aquelle perfume de luxo e civilização que me cercava, — era o nosso valle rustico e selvagem o que eu tinha no coração.

Oh! eu sou um monstro, um aleijão moral devéras, ou não sei o que sou.

Se todos os homens serão assim?

Talvez, e que o não digam.

Joanna, minha Joanna, minha Joanninha querida, anjo adorado da minha alma, tem compaixão de mim, não me maldigas. Não quero que me perdoes, nem tu nem ninguem, que o não mereço. Mas que tenhas dó e lástima de mim.

Ai! que isso mereço eu, oh sim.

Deixa-me parar aqui. Falta-me o ânimo para me estar vendo a este terrivel espelho moral em que jurei mirar-me para meu castigo, d'onde estou copiando o horroroso retratto de minha alma que te desenho n'este papel.

Sabia que era monstro, não tinha examinado por partes toda a hediondez das feições que me reconheço agora.

Tenho espanto e horror de mim mesmo.

(*Continúa.*) *A. G.*

AS MISERIAS DA VIDA HUMANA. *

876 Mas nem tudo o que se póde chamar miserias da vida, diz respeito so a successos amorosos: ha outras, e ainda em maior número, que nos assassinam os prazeres, e todas as esperanças e alegrias da vida.

Supponhamos agora um amador de musica, amigo do theatro, assignante de San'Carlos, que tem a sua cadeira fechada, bem forrada de marroquim, a competente travessa na frente para descansar os pés, que toma o seu logar com toda a commodidade, que se vai entregar todo á satisfação de não pensar senão em musica, com o seu espirito todo recolhido quasi beatificamente, gozando d'antemão de uma volata da Rossi, de um *si* do Tamberliak, de um adagio do Bottelli... Mas este amador teve a infelicidade de ir achar ao pé de si dois vizinhos incommodos; um d'elles, extrangeiro, por signal, em quem o Porto ou a Madeira do jantar produziram um pêso de cabeça extraordinario e um sommo irresistivel. O nosso amador ora leva uma cabeçada, ora uma troquezada, ora um resono estupido lhe faz perder uma *fioriture* dedicada, ora um respiro estridente e mal-cheiroso o obriga a voltar a cara de uma piruetta da Mabille. O outro vizinho, tem o mau habito de estar continuadamente a levantar-se, a entrar e sahir, passando e repassando n'uma roda viva deante do nosso amador, impurrando-lhe os joelhos e pizando-lhe os pés, sentando-se-lhe em cima das abas da sobrecasaca, e demais a mais importunando-o com desculpas a todos os momentos em cima dos incommodos que lhe dá. Ainda aqui não pára tudo: para a noite ser completamente de relia, o nosso infeliz amador tem sentado adeante d'elle um homem alto e gordo, uma d'essas figuras athleticas que serão boas para muita coisa — contra o que diz o dittado — menos porém para se pôrem n'um theatro adeante de quem não cresceu nem tem ingordado tanto como elles; e por detraz está outro amador, mas dos buliçosos, maniacos philarmonicos que rosnam na platea quantas arias se cantam no palco, e batem o compasso, demais a mais errado, com toda a semceremonia nas costas do banco de quem lhes fica na frente.

Que me digam se um homem collocado em tam critica posição, póde achar gôsto no espectaculo, e se não sahirá inquijilado, phrenetico, sombrio, de mau-humor, tudo crescente na proporção da grandeza do prazer que elle se tinha promettido ir gozar, com que contava sem falha, e que esperava com ancia! Um homem que entre assim em casa, prêsa de um accesso nervoso d'estes, faz necessariamente soffrer a toda a familia os desafogos d'este estado de irritação, e d'aqui podem nascer desatinos, disturbios serios, todo um mau viver domestico, alguma desgraça futura de consideração..

Mas, ainda d'aqui se póde originar, como digo, uma desgraça verdadeiramente de consideração; a maior parte porém das miserias da vida fazem os homens desgraçados sem que elles soffram realmente uma verdadeira desgraça. Se são precisos exemplos, vejamos:

Deixemos o visionario que de cada accidente da vida faz nascer um successo horroroso; que imagina um futuro chimerico desenhado com côres infernaes, apparentando um pandemonio; que no meio das felicidades que hoje goza é desgraçado porque pensa n'outro egual dia do anno que vem que lhe assoma pavoroso; e que chama aos pannicos previsão, deixemol-o: vejamos so os que não são visionarios, aquelles mesmos que procuram divirtir-se, agradar, e viver felizes.

Digam a um d'estes, que é tafol, que não embirre com o alfaiate que lhe faz fato justo, ou com o çapateiro que ateima a fazer-lhe calçado apertado. Digam ao outro que joga o whist, que não se im-

* Conluida de pag. 247.

paciente com o parceiro que marca continuamente quatro de figuras, ou com aquelle que no voltarete por costume abafa os azes.

Joguem la o gamão com as casas tapadas, ou falhas umas sôbre outras, sem dar ao demo taboleiro, tabulas e dados!

Conversem la com um homem que a cada palavra nos atalha, para nos advertir: 'é o mesmo que eu ia dizer...;' que quando nos ouve contar algum caso nos toma o passo para acabar o que nós começámos; que não ouve aventura amorosa que não diga logo: 'conheci muito bem fulana: quer saber o que me aconteceu com ella?'

Deem la trela a outro que se influe na conversa e nos dá murros e impurrões, ou tem o habito de nos estar a mexer no fato, ou nos innuda com um diluvio de perdigotos!

Escrevam ou trabalhem la aope de um homem que está sempre a gargantear desafinado alguns bocados de musica que lhe tocaram as orelhas em San'Carlos.

Morem la por baixo, por cima, ou á ilharga de um vizinho que toca rebeca, trompa, ou fagote!

Tenham la pernas grandes e vão passeiar com senhora de passinho curto!

Vistam se la de ponto em branco e levem com uma pouca d'agua suja em cima, atirada d'alguma porta ou janella.

Vão fazer uma cortezia respeitosa a uma namorada terna, e escorreguem ao mesmo tempo n'uma casca de fructa, ou qualquer outra coisa, e deem com os ossos no meio da calçada deante d'ella.

Escrevam artigos para os jornaes e não se desesperem com os erros typographicos, que nos fazem dizer muitas vezes o que nunca pensámos e até o que não queriamos!

Façam declarações amorosas por escripto a menina que nos responde em characteres chinezes em que se não póde decifrar uma palavra!

Que nos caia da mão, por mais justificada que seja a causa, uma chicara de cha no meio de uma sala, metade sobre o vestido da senhora com quem conversavamos, a outra metade sobre a coberta de seda de uma cadeira estofada, e os cacos a fazerem se po sobre o tapete.

Que n'um jantar de ceremonia nos escape espirro profundo, ou nos engasguemos impertinentemente!

Que no remoinho de uma walsa a dois tempos nos escapem os pés e dêmos comnosco no chão, levando de rojo o nosso par!

Que no meio de uma conversa travada com a menina a quem amâmos, nos venha emprazador importuno cortar o fio no mais interessante ponto d'ella!

Se eu quizesse fazer d'este artigo tambem *uma das miserias da vida* para o leitor, não acabaria nunca com a massadora menção de todas as bagatellas que nos podem fazer desgraçados no meio da felicidade. O pensamento d'estas reflexões é devido a F. Soulié, que com a mesma epigraphe mencionou algumas d'estas *miserias* da sua França, mas nem por ellas la serem bastantes, d'outra especie, deixam de ser éstas de que eu me lembrei, ca e la, egualmente aflictivas, quijilentas, insupportaveis, como eu ja irei sendo aos leitores, e quem sabe se a mais alguem...

FRAGMENTO.

ALCOBAÇA E BATALHA.

878 Eis aqui um curioso trecho romantico de A. Dumas, *ad verbum*, fallando da vinda do barão Taylor a Portugal, em 1834.

«...Chega emfim ao convento d'Alcobaça, cuja fundação é toda romanesca, toda cheia de fé, de valentia e d'arte.

«Aphonso Henriques, que tinha governado onze annos como principe, e que reinou quarenta e seis como rei, cercava a villa de Santarem que estava no podêr dos moiros: repellido ja por duas vezes da escalada, fez voto, que se ficasse vencedor no terceiro assalto, fundaria em Alcobaça um convento da ordem de Cister, para mil frades, com obrigação de todos os dias darem graças a Deus pela victoria que houvesse de conceder-lhe. Feito este voto, e sentindo-se abrazado em novo ardor de peleja, segura na mão o estendarte real, onde estavam pintadas as cinco cabeças dos reis mouros cortadas no campo da batalha em Ourique, e pondo se a frente dos escaladores, foi o primeiro que subiu as ameias, derrota os infieis, toma á villa, e dirigindo-se a um cavalleiro velho, todo insanguentado e coberto de po como elle estava, fallou lhe assim: 'Vai, parte, sem nunca parares senão para comer o pão e dormir o somno absolutamente indispensaveis, e não como o fizesse um principe, não como o faria um cavalleiro, não como o faça um soldado, mas como um cenobita. Vai, e dize ao prior de Cluny que me mande cinco religiosos da sua ordem, mestres em artes, capazes de edificar um convento magnifico, e que venham a toda a pressa; porque depois dos claustros d'Alcobaça quero edificar tambem o convento de Sancta-Cruz de Coimbra, e o mosteiro de San'Vicente em Lisboa. Agora, adeus: tu partes para gloria de Deus, Deus guarde a tua gloria!'

O embaixador partiu logo, chega a Alcantara, porta da Hispanha, passa a Truxillo, onde depois nasceu Pizarro, chega a Toledo, que um seculo depois foi reconquistada pelos christãos governados por Aphonso VI: atravessa Burgos, a cidade do Cid, não se demora em Sanguessa senão o tempo preciso para saber de D. Sancho, o sabio, rei da Navarra, porque modo hade atravessar o meio dia sanguinolento e inflammado em suas guerras religiosas: guiado pelos conselhos do monarcha ancião, chega a Borgonha, onde o duque Roberto pai de Margarida, tinha acabado os seus dias: apercebe a abbadia de Cluny, ve á porta da igreja o sancto prior a quem vinha procurar, e que ja o esperava, e que lhe falla pelo seu nome e lhe diz: 'Sejais bem vindo Sr. Cavalleiro. E escusado dares-me parte de quanto vos encarregaram. O Senhor Deus approuve-lhe fazer-me revelação do voto de Aphonso Henriques, e no mesmo dia em que elle entrou a villa de Santarem e vós de la sabieis, partiram para Alcobaça os cinco religiosos que me vinheis pedir. Agora entrai, descansai da vossa longa jornada e da vossa grande fadiga: comei e dormi! mas não como o faz um anachoreta ou um cenobita: mas sim como o faria um soldado como vós fostes, um cavalleiro como sois, e um principe como haveis de ser.»

E ao mesmo tempo que o enviado real se punha á mesa em Cluny, chegavam os religiosos de Cister ante o vencedor de Santarem: porque elles tinham feito tanta diligencia em vir a Portugal como aquelle en-

viado em os ir buscar a França, e tendo partido todos á mesma hora, todos chegaram tambem no mesmo instante.

E n'este convento se interraram os soldados e cavalleiros, que tinham ajudado o rei Aphonso Henriques na batalha contra e miramolim Aben-Joseph, e mais se interraram os frades que o tinham edificado, e depois o rei D. Aphonso II, apesar das suas questões com o papa, depois o rei D. Aphonso III, em honra da conquista dos Algarves, depois a rainha D. Ignez de Castro, depois o rei D Pedro I, a quem seus inimigos chamaram Cruel e seus amigos Justiceiro. Quando Taylor entrou n'este velho e sancto mosteiro, acabava de la sahir a guerra, e elle achou todos esses ossos de soldados, de cavalleiros, de religiosos, de principes e de reis, fóra dos seus tumulos, quebrados e disperses pelos lagedos do pavimento; e com mão piedosa os apanhou, depositou-os nos tumulos vasios, fez fechar as campas, estremeceu lembrando-se dos restos de D. Ignez de Castro, cujo sarcophago era pela terceira vez profanado, e tirados para fóra os seus ossos reaes, e trouxe para França as reliquias dos cinco frades de Cluny, para que dormissem mais tranquillas na terra natal, do que n'essa pobre peninsula, onde nada está seguro, nem a paz dos mortos, nem a sanctidade das igrejas, nem a inviolabilidade dos tumulos,

« D'Alcobaça passou Taylor ao mosteiro da Batalha, cuja invocação indica ainda um voto de guerra; porque nas Hispanhas os arcos-de-triumpho são conventos edificados não em honra do rei que pelejou, mas em louvor do Deus que outorgou victoria. Ahi achou, como em todas éstas reaes e religiosas fundações, tumulos de soberanos e principes: os soberanos foram D. João I, o fundador, D. Duarte, D. Aphonso V, D. João II; e no meio de toda ésta familia coroada jaz um simples soldado, cujo nome esqueceu, mas que fez decidir com o seu valor da sorte da batalha d'Aljubarrota, e que soube assim conquistar para o seu cadaver um leito funereo similhante ao dos principes e dos reis. Taylor fez desenhar pelos seus companheiros, Dauzatz e Bouchard, todas as maravilhas d'este mosteiro, e inchendo os seus cartões de tumulos, côro, capellas e monumentos, regressou com elles a Lisboa, onde os foi depor aos pés da imperatriz viuva de D. Pedro, e da rainha D. Maria... e alcançou para Portugal o que elle ja havia alcançado para a França, ordem para que estes edificios fossem conservados, e que a vigilancia do governo se exercesse sôbre elles como sôbre thesouros. »

POESIA.

TYRSIS, IDYLLIO DE GESSNER. *

879 Tão suave frescor verteis debalde,
Tyrsis dizia, ó favoraveis ninfas,
N'estas quietas sombras; vossas urnas
Sua agua pura para mim não lançam:
A placida alegria me abandona,
Eu ardo ai! como se arde á quente calma
Da fulva ceifa aos estuosos dias.

Um dia la nas faldas da collina
Em que Filis habita era eu sentado.
No cume ha um jardim que ella cultiva,
Ella propria; a meu lado murmurava
Placido arroio; Filis muitas vezes
Em suas margens florejantes dorme;
Muitas tambem as brancas mãos refresca
No trepido correr, e as roseas faces.
É la que ao eccho eu suspirava ternos,
Maviosos murmurios... Derepente
Eu sinto a porta do jardim abrir-se,
E de la Filis sahir. Um zefirinho
Os seus louros cabellos meneiava;
N'uma das bellas mãos ella sostinha
Cabaz de vime entretecido, e cheio
Dos pomos formozissimos, e a outra
Ao virgem seio angustiava a veste,
Que descobrir os zefiros queriam,
Deixavam adivinhar-se as bellas fórmas
Do talhe seu por entre o veu ligeiro,
Que com doce rugido fluctuava
Dos ventos ao sabor. Em quanto Filis
Passava sobre o alto da collina
Duas maçans do cesto seu cahiram,
E até a mim voltearam, como se ellas
Das mãos mesmo do amor ás preces minhas
Cahido honvessem. — Apanho-as, e beijo-as,
Levanto-me, e a collina perpassando
Dou-as a Filis: minha mão tremia
Queria fallar, e suspirar so pude.
Então Filis baixou seus bellos olhos
E rosea amavel côr cobriu-lhe as faces;
Graciosa sorriu, e a corar volve,
E o mais formoso pomo me offerece.
Em timido embaraço ambos ficamos.
Mas ai! que sentimento entrou nest'alma!
Remisso andar a conduziu a casa
Sempre seguida dos avidos meus olhos;
Na cabana ao entrar parou, e affavel
A vi risonha para mim volver-se,
E depois de a perder por largo espaço
A avara porta os olhos meus fitaram.

A collina alfim desci; — os meus joelhos
Todos os membros meus eram trementes.
Amor, ó terno amor, ouve meus votos!
Ai! o que desde então tenho sentido
Jámais se apagará d'este meu peito.

L. Ribeiro.

* Ignorante da lingua alleman, traduzi este idyllio da francesa, no que segui o exemplo do nosso Felinto, que, como elle proprio confessa, nem uma palavra pescava do allemão, e nem por isso se acobardou de traduzir o Oberon d'uma copia franceza. Se apezar do defeito supradito, se apesar das tendencias antibucolicas da litteratura comtemporanea, parecer toleravel este ensaiosito meu, outros mostrarei do mesmo genero, talvez mais acabados, ou antes menos de infastiar.

VARIEDADES.

NOTICIA HISTORICA.

DA INSTITUIÇÃO DAS CAPELLANIAS ERECTAS NA PAROCHIAL IGREJA DE SAN'MARTINHO D'ALPEDRINHA.

880 Fr. Mauricio Innocencio da Costa Castello-Branco, cavalheiro ricco e piedoso, natural da villa de Alpedrinha, desejando concorrer para o augmento da magestade do Culto Catholico, e edificação dos fieis, offereceu á confraria do Santissimo Sacramento, erecta na parochial igreja de San'Martinho, de que era vigario, a quantia de *dez mil cruzados*, a fim de se instituirem e manterem com o producto de seu juro cinco capellães, que nos dias simplices rezassem, e nos solemnes cantassem o officio divino em côro, e fizessem as demais funcções e solemnidades, que era costume celebrar-se nas cathedraes e collegiadas do reino, sendo a propria confraria a administradora d'este fundo, e a que elegesse, apresentasse, e provesse éstas capellanias.

Por faculdade e confirmação regia, constante da provisão, que a confraria obteve de Sua Magestade, a Senhora D. Maria I, datada de 19 de abril de 1792, instituiram-se effectivamente estes cinco capellães, quatro com a congrua annual de *quarenta mil réis*, e obrigação de dizerem uma missa semanaria, e um com a de *trinta mil réis*, obrigado somente ao côro.

Por contracto celebrado a 15 de outubro de 1794, entre o sobreditto vigario, Fr Mauricio, e os irmãos da referida confraria, escripto no livro de notas do tabellião João da Matta Parente, estipulou-se, que estes capellães se regeriam pelos estatutos e regulamentos dados pelo sobreditto vigario (que se diz copiára dos do cabido da Sé cathedral da Guarda), transcriptos no corpo da escriptura de doação; incumbindo á irmandade pugnar pela fiel observancia d'elles, administrar os fundos dados e doados, e prover as vacancias dos capellães de maneira que nunca houvesse falta.

Em 1830 desejando a irmandade augmentar o numero d'estes capellães, sendo coadjuvada n'este louvavel impenho pelos auxilios pecuniarios de algumas pessoas piedosas, sollicitou, e obteve segunda provisão, datada de 11 de outubro do ditto anno, para instituir mais duas capellanias, com os mesmo encargos e obrigações annexas ás primeiras, uma com a congrua de *quarenta mil réis*, outra de *trinta mil réis*, havendo previamente depositado na mão do provedor da comarca a quantia de *oitocentos mil réis*, para serem dados a juro com o fim d'esta applicação, existindo ja uma escriptura de *seiscentos mil réis* para o mesmo destino.

São pois sette os capellães, que ao presente celebram as funcções ecclesiasticas prescriptas em seus estatutos com grande louvor, geral acceitação, e edificação dos povos d'este concelho, os quaes logram a ventura (de que hoje se acham privadas muitas cidades e villas mais notaveis) de verem solemnizar os augustos mysterios de nossa sancta religião com pompa, gravidade e decencia.

Alpedrinha 16 de settembro de 1846.

R. de *Gusmão.*

NOVO METRONOMO UNIVERSAL.

881 Muitos fumistas, d'aquelles que vivem entre fummo como a salamandra no fogo e os peixes n'agua, empregam agora o charuto como medida. Para estes a duração de um charuto vem a ser uma unidade, com que regulam as distancias: por exemplo, de tal a tal sitio ha tantos charutos apé e tantos acavallo, dizem elles. Ultimamente, o empresario de um theatro de Paris, respondeu aos auctores de uma peça: 'O vosso *vaudeville* é demasiadamente extenso; dura charuto e meio. « Parece que um cavalheiro, tambem recentemente, cumprimentou d'este modo uma senhora que foi a última que appareceu no baile a que tinha sido convidada: « Seja muito bemvinda. Não a esperava ha menos de dois charutos. » Esta medida tem ao menos a vantagem de ser universal.

CORREIO EXTRANGEIRO.

882 No anno de 1845 fizeram-se na Russia 861 publicações, 795 originaes e 66 traduzidas, sem contar n'este número os periodicos. Entraram de paizes extrangeiros 313, 389 volumes. A bibliotheca imperial de San'Petersburgo possuia 444,395 volumes impressos; 18,229 manuscriptos, e 355 colecções autografas.

A exportação dos algodões em Inglaterra, no anno de 1845, montou a 26,119,000 lib. sterl. O commercio d'este genero com Portugal produziu 614,882 lib. sterl. A maior exportação foi para as Indias-orientaes, a menor para Hispanha directamente.

O oitavo congresso scientifico de Italia abriu-se em Genova, no dia 14 do passado, do modo mais brilhante. O marquez de Brignole-Sales, presidente, pronunciou um admiravel discurso de abertura, que foi muito applaudido.

A colheita da azeitona parece que será muito escassa este anno em toda a provincia de Sevilha.

Acaba de se fundar em Londres uma companhia de grandes capitaes, com o nome de *Mauritius association*, destinada a occupar-se com todo o cuidado dos meios mais proprios para fazer prosperar as colonias inglezas.

Acaba de se assentar em Constantinopla, com grande pompa, a primeira pedra de uma universidade que se vai erigir aopé da mesquita de Sancta-Sofia, e para cujo edificio o sultão subscreveu com grande quantia.

Contam-se hoje no reino de Hanover 357 sociedades de temperança. Parece que na Allemanha se contam ja dois milhões de homens que tem promettido renunciar ao uso da aguardente.

O govêrno inglez mostra-se incansavel em accudir á fome da Irlanda. Alguns navios de guerra são impregados em conduzir incessantemente viveres e provisões ás costas da Irlanda e da Escocia, e mandaram-se vir da America provisões bastantes para prevenir os males da fome.

Um tremor de terra que houve em Florença a 24 de agosto ultimo reduziu á miseria mais de 8 000 pessoas. O grão-duque da Toscana acaba de mandar reconstruir todas as propriedades destruidas á custa do Estado, e exemptou do pagamento de todas as contribuições até ao fim de dezembro de 1848 os habitantes dos sitios que mais soffreram com aquella catastrophe.

O capitão d'artilheria Hutz, que ha tempos concebeu a ideia de fundar uma colonia alleman na Grecia, vai finalmente pôr em execução o seu projecto. Foi escolhido para estabelecimento d'esta colonia um terreno summamente fertil entre Argos e Nauplia, comprando-se mais outra porção de terreno inculto. A colonia hade compôr-se exclusivamente de allemães e suissos.

A 24 de settembro último abriu se em Francfort o congresso dos sabios allemães (germanistas). O grammatico Grimm é o presidente: o seu discurso foi sôbre ésta questão. 'O que é um povo?'

Forças navaes da França e da Inglaterra.—No primeiro do corrente anno contava a França os seguintes vasos de guerra:

De vella,	173 navios armados com.....	5,073 peç.
	51 em construcção.....	3,487 «
	50 de transporte.	«
Totaes..	274	8,560

A vap.,	60 nav. promptos, com a força de	11,000 caval.
	15 em construcção.....	4,000 »
Totaes..	75	15,000

Ao todo 349 navios de guerra.

A marinha de guerra britannica, constava, n'esse mesmo tempo, de:

De vella,	328 navios armados com....	13,306 peç.
	62 em construcção	3,199 »
	98 de transporte.	
	2 dittos em construcção.	
Totaes..	470	15,502

A vapor,	101 navios promptos com a força de	25.000 cav.
	39 em construcção.....	14,000 »
Totaes..	140	39,000

Ao todo 630 embarcações.

Diz-se que no sorteio dos jurados em Paris sahíra sorteado um jurado cujo appelido é *Ut-ré-mi*. Póde ir para a lista dos que ha dias publicaram alguns jornaes de Lisboa.

Os jornaes francezes dão como existentes em Cendrieu duas irmans solteiras, nascidas ambas por meiados do reinado de Luiz XV: conta uma 106 annos e a outra 104. Nunca soffreram enfermidade nenhuma, e hoje apenas soffrem alguma surdiz.

CORREIO NACIONAL.

883 No theatro do Gymnasio deu se domingo (18) uma peça nova do Sr. Braz Martins, *Margarida*. Modificadas algumas *fidelidades* de costumes no 1.º acto, a que o nosso publico não está habituado, a peça do Sr. Martins ainda que descuriosa em linguagem e estylo, é todavia uma nova prova da sua muita disposição para escriptor dramatico, e algumas scenas d'ella abonam a sua inclinação para a comedia e para a satyra. Debutou n'esta peça a Sr.ª Fortunata no papel de Margarida, que apesar de ser em genero differente do talento da artista, foi sustentado com intelligencia e habilidade. A debutante foi muito bem recebida.

A corrida de toiros do dia 6, na praça do Campo-de-Sanct'Anna, a beneficio do Asylo-da-mendicidade produziu liquido 110$935 réis.

No dia 18 entrou o vapor *Royal Tar* como paquete d'Inglaterra, com 75 passageiros e folhas de Londres até 7 e de França até 9. Depois de haver sahido de Southampton no dia 7, arribou ao mesmo porto, d'onde tornou a sahir no dia 10. Sahiu de Lisboa para Gibraltar no mesmo dia 18, com 50 passageiros.

Hoje (21) começa na Junta-do-Credito-publico o pagamento dos juros das inscripções de cinco por cento, vencidos no primeiro semestre d'este anno.

Parece que se mandou amoedar grande porção de cobre e bronze na casa-da-moeda.

A casa-da-moeda annuncia que comprará, pagamento á vista, em moeda metalica, qualquer porção de prata ou oiro, e que se amoedam estes metaes, livre de despeza, e para serem entregues a seus donos, sem abatimento algum.

Praça-de-Lisboa. — Realizaram-se algumas transacções em fundos-publicos. As acções de companhias foram pouco procuradas. Encareceram os metaes, principalmente o oiro. Subiu o agio das notas. Os fundos-publicos sustentaram o seu preço com tendencia de subida. Desceram as acções do Banco, as das Lezirias, Subiram as da Fiação e tecidos lisbonenses, e as da Confiança-nacional.

No dia 6 do corrente estavam os fundos-portuguezes no bolsa de Londres a 41.

Diz-se que se projecta organizar uma companhia por acções para desconto das notas do banco. Esta companhia, ou sociedade de cambio, trocaria as notas a cinco por cento e depois as capitalizaria no Banco. Os interesses d'esta sociedade poderiam subir d'este modo de 12 a 13 por cento.